



O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXXX • SÃO PAULO, ABRIL DE 2024 • EDIÇÃO MENTIROSA?

Última edição d'O Politécnico!

Questionada sobre a realização ou não da tradicional edição investigativa publicada anualmente no começo do mês que se situa entre março e maio, a equipe editorial d'O Politécnico confirmou, em nota, que esta será a última edição deste Jornal. A decisão vem após duras críticas quanto à inveracidade de duas notícias, na edição divulgada há exatamente um ano.

Uma delas, escrita por acaso por um redator de péssimo gosto, falava sobre um projeto de mobilidade hidroviária dentro do Campus. A outra, comentava sobre a instauração do Circular 6. Em defesa, um dos editores afirmou: "A questão é que o Jornal é de tanta vanguarda que, ao invés de noticiar o presente, noticiamos o futuro. Poucos sabem, mas foi este próprio jornal que, há poucos anos, divulgou o Circular 4,

que quase se concretizou neste ano. Quem sabe, com a elaboração do novo Plano Diretor do Campus neste ano, não se instaurarem o Navegar e as linhas 4, 5, e 6 do Circular, já anunciadas por aqui. Talvez valha começarmos a falar sobre metrô dentro do Campus, igualdade e felicidade na Poli para ver se, daqui um ou dois anos, essas coisas se concretizam e então..."

Tivemos que interromper a entrevista, pois o editor não parava de falar e suspeitamos de que se tratava de alguma brincadeira. Ademais, o fato da nota sobre o encerramento das atividades d'O Politécnico ter sido divulgada no dia 1º de Abril deixa dúvidas se esta será realmente a última edição deste quase octogenário meio de comunicação e expressão estudantil.

Diego Roiphe de Castro e Melo,
Engenharia de Mentira, 2º ano

Reoferecimento de Mecânica dos Fluidos I terá como prova final consertar ar-condicionados do biênio ACADÊMICO/PÁGINA . 1

Poli Penguins: Conheça o time de esqui da Escola Politécnica!
ESPORTE/PÁGINA . 99

Durante tarefa de numérico, politécnico encontra último dígito de Pi
POLI/PÁGINA . π (3)

Aluno compra trouxinha de brócolis no triedro
"Eu nem lembrava que vendíamos isso aqui" - Relata funcionário.
POLI/PÁGINA . $\log 0$

Inteli anuncia planos de comprar o estacionamento da Poli e construir o "gência"
USP/PÁGINA . 0/0



P1 adiantada!

Em divulgação exclusiva, a diretoria da Escola Politécnica, após reunião extraordinária, anuncia que a Semana de P1 será adiantada. Confira a ata na íntegra ao lado.

Nossa equipe, procurando apurar a veracidade de tão grave informação, entrou em contato com o reitor da Poli. “O papel do engenheiro é otimizar, por isso adiantamos todas as provas. O semestre terá dois meses, e a graduação passará para 3 anos, em vez de 5”, anunciou em entrevista, que durou pouco mais de dez segundos.

A alteração é parte do pacote de medidas “5 anos em 50” da atual gestão, que vem sendo muito elogiado pela Poli como um todo. “É bom ver um projeto legal e efetivo, que pensa nos alunos”, nos contou estudante na fila do bandeirão.

**Equipe de Jornalismo Investigativo,
Engenharia de Comunicação, 3º ano**

Ata da reunião.

Pauta: adiantamento da P1.

Data: segunda-feira, 25 de março de 2024.

Local: Edifício Engenheiro Mário Covas Júnior, USP, Butantã.

Presentes:

Vahan Agopyan – reitor da Escola Politécnica

Antonio Carlos Hernandez – Vice-reitor.

Demais corpos docente e equipe técnica.

Objetivo: fica estabelecido que as primeiras provas serão aplicadas no dia 02 de abril de 2024.

Estará estabelecido no jornal O Politécnico, para todos os alunos ficarem avisados sobre a mudança de data.

Acompanhamento: será distribuído ainda nesta semana santa, mais detalhes para os professores se ajustarem, conforme os protocolos da unidade.

Encaminhamentos: qualquer dificuldade, que impeça o participante de fazer a prova, deve ser informada rapidamente e o quanto antes à secretaria do curso do aluno, presencialmente ou e-mail.



Segunda-feira, 25 de março de 2024.

Corpo docente do campus da Escola Politécnica.



Escândalo: PoliPolícia está cada vez mais próxima de desenredar a PoliMáfia

Tomas Wolffenbüttel,
Engenharia Investigativa, 3º ano

Você que é bixo teve dificuldades em acessar as atividades em aula pelo moodle? Há evidências o suficiente de que sua frustração é fruto de ataques cibernéticos realizados por um estudante de Engenharia da Computaria autointitulado “Anonymouse”. Tal nos contactou esta manhã para uma entrevista: ele afirma que inicialmente planejava derrubar o site por completo, que queria enviar uma mensagem aos inimigos da PoliMáfia, mas acabou desistindo dado seu conhecimento exclusivo de linguagem C. “Quem me dera eu tivesse participado da OBI”, lamenta Anonymouse.

Ademais, existem rumores os quais afirmam que o sumiço de Cálculo 5 e a parcial ausência de Cálculo 4 foram resultado de um misterioso estudante, também membro da PoliMáfia mas não tão

convencido ao ponto de se autointitular. O que se sabe é que este torce para a Chapecoense mas simpatiza com o América Mineiro, e que sempre estará no bandejão quando sobrecoxa estiver no cardápio.

Falando de bandejão, como está a carne moída? Melhor, quantos pombos você viu na USP ultimamente? Muito se questiona sobre a fonte de renda da PoliMáfia e aparentemente a PoliPolícia conseguiu ligar os pontos: suspeita-se que os ratos voadores, inimigos da PoliMáfia, estão sendo vítimas de ratos da Atlética, que acabam com a concorrência de roedores ao mesmo tempo que lucram ao vendê-los ao bandejão. Nem Vito Corleone armaria um esquema tão preciso e cruel.

Nossa equipe de jornalismo investigativo, sempre pronta e atenta aos inícios dos meses de abril, listou uma lista de crimes, também chamada

PoliDelitos, cuja responsabilidade suspeita-se que seja da PoliMáfia:

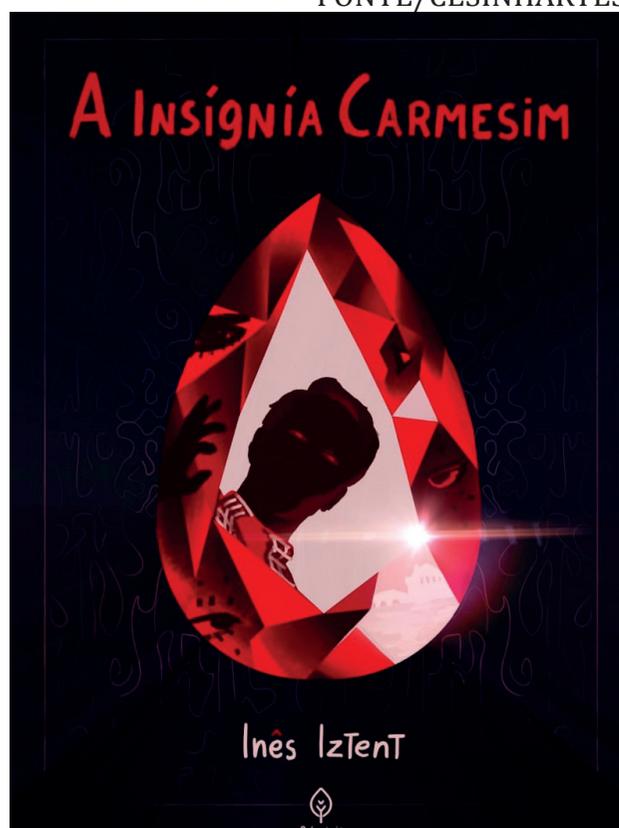
- Evasão das ciências humanas
- Tráfico de fentanil
- Estudo de metalurgia do pó
- Sabotagem dos servidores Moodle USP
- Amar demais
- Tráfico de pombos (para abastecer o bandejão)
- Sequestro de Cálculo 5
- Sequestro de Cálculo 4, parcialmente bem-sucedido (o CAEP agradece)
- Negligência do relógio biológico e ciclo circadiano

Pedimos atenção especial a todos e todas. Qualquer denúncia, contate-nos imediatamente no número (11) 99999-9999 ou fale diretamente com o PoliPolícia. Sua ligação denúncia faz a diferença!

O Politécnico leu: A Insígnia Carmesim

Anônimo

FONTE/CESINHARTES



O gênero dos livros de detetive, marcado por escritores clássicos como Agatha Christie e Arthur Conan Doyle, tem sentido uma falta de fortes expoentes no século XXI, visto

que a maioria das produções recentes são caracterizadas por uma estrutura genérica e pela previsibilidade. Diante desse cenário, A Insígnia Carmesim chega para trazer um novo sopro de vida aos livros de mistério, contando sua história de uma perspectiva nunca antes vista no gênero.

A obra conta a história do investigador particular Finn Bentham, que é enviado a uma pequena vila no interior da Escócia para desvendar a verdade sobre o assassinato de um figurão que estava a passeio por lá, mas acaba descobrindo verdades mais obscuras sobre os habitantes da vila e seus costumes noturnos. O diferencial da história é que, apesar de ser narrada em primeira pessoa, não acompanhamos o detetive diretamente, mas sim um

narrador diferente a cada capítulo; desde moradores do vilarejo até personagens mais inusitados, que deixarei o leitor descobrir por conta própria. Isso permite ao autor mostrar as faces do mistério por meio de vários olhares diferentes, fornecendo pedaços de informação ao leitor e construindo a totalidade do caso ao final de A Insígnia Carmesim. Um dos maiores pontos fortes do livro é a capacidade do autor de conciliar essas narrações e não deixar pontas soltas, resultando em uma leitura surpreendentemente fluida. Porém, um dos efeitos negativos de usar tantos personagens é que alguns deles acabam sendo deixados de lado ou menos desenvolvidos que outros. No mais, também destaco o trabalho de pesquisa do escritor ao incorporar consistentemente elementos da cultura escocesa e práticas forenses reais em sua obra, chegando até a misturá-los para criar

Arte e Cultura

rumos inesperados para a narrativa.

Por fim, gostaria de afirmar que os fãs do gênero certamente sentirão sua fome por mistério satisfeita

com A Insígnia Carmesim; sua estrutura única, que me surpreendeu bastante, pode ser responsável por trazer uma nova onda de livros de detetive, que meu lado ávido

pelo suspense irá devorar furiosamente.

Nota:9/10

Politreco

Politécnico nega US\$1.000.000,00

Há mais de uma década, Grigori Perelman, matemático russo, ficou mundialmente conhecido por ter resolvido um dos sete maiores problemas da Matemática. Ao apresentar uma demonstração da conjectura da Geometrização de Thurston, que tem como caso particular a famosa Conjectura de Poincaré, Perelman se tornou um forte candidato a receber uma Medalha Fields. Para além disso, sua demonstração fora confirmada e lhe rendeu um dos Prêmios Clay.

Apesar de ter sido agraciado com ambos os prêmios, o Sr.Perelman causou estranhamento nos acadêmicos ao rejeitá-los.

Para a surpresa daqueles que imaginaram que se passaria muito tempo sem que mais um dos problemas fossem resolvidos, e para a satisfação daqueles que insistem que indivíduos geniais compartilham peculiaridades, temos o prazer de anunciar que na quarta-feira da última semana santa (27/03) mais um dos problemas do

milênio foi considerado resolvido e, desta vez, de uma maneira curiosa e inesperada.

Nesse mesmo dia, a Universidade de São Paulo teve a felicidade de receber uma carta resposta do comitê responsável pela avaliação das demonstrações que são submetidas aos “Prêmios do Milênio”. O novo agraciado é uspiano, e mais, um politécnico, que decidiu também não aceitar o Prêmio Clay.

Nosso intrigante entrevistado concordou em nos for-

necer algumas informações, mas pediu sigilo sobre seu nome.

Aluno do terceiro período do curso de Engenharia Ambiental, nosso genial colega confessa ter entrado na engenharia para ter contato com a aplicação dos diversos problemas de matemática que o fascinam. E foi por causa desse espírito que ele acabou se deparando com um dos problemas mais “dificilmente encantadores”, como relata. Em uma tarde quente de verão do início do período de aulas, logo após o almoço, esse aluno se encontrava adormecido sobre sua carteira, em plena aula de Cálculo III. Há quem se lembre da aula e relate o quão “maçante” ela foi, principalmente quando o professor decidiu sanar uma curiosidade não demandada e desatou a falar sobre problemas modernos na matemática. Um dos problemas abordados foi a “conjectura de Hodge” que é um importante problema

de geometria algébrica, no que diz respeito a topologias de variedade algébrica complexa não singular e as subvariedades dessa variedade. Ao acordar de seu sono, nosso colega notou que não havia mais alunos na sala, nem professor. Dormira demais e descobriu, ao olhar seu relógio, que já havia 5 minutos desde o final da aula. Tudo que pôde ver, na lousa mal apagada, fora “prêmio” e o enunciado do supracitado problema. Daí para a frente foi fácil acreditar que se tratava de uma atividade pra casa e que seu prêmio seria um bônus na nota. Foi o suficiente para prendê-lo nesse problema por 4 dias, antes da próxima aula com o mesmo professor.

“Pode ser difícil de acreditar, mas, eu mal conseguia dormir. Gostei do problema. Sim... foi desafiador, mas divertido”, relatara o aluno.

Ao apresentar seus resultados para o professor, este acreditava que se tratava de

uma brincadeira. Relutante, mas curioso, o professor decidiu levar para casa a “atividade” e retornou no outro dia, eufórico, para dar as boas novas à diretoria do IME e contatar a reitoria.

Demorou um tempo para que o comitê avaliasse o trabalho, afinal, não é todo dia que alguém apresenta provas irrefutáveis de problemas complexos da matemática.

Nosso colega decidiu não aceitar o prêmio de U\$1.000.000 e se justificou com uma mensagem final: “Eu não fiz isso por dinheiro. Eu nem sabia, na verdade. Decidi manter assim, resolvendo problemas matemáticos por diversão e não por recompensa. Acho que todo mundo precisa encarar um problema difícil e pensar por dias, nem que seja uma vez na vida. Às vezes, a solução é trivial!”.

Igor Belo Amaral,
Engenharia de Matemática, 7/3º ano

O Big Bang das Sinfonias Não Criadas

Bombástico, é como descrevem os presentes em um evento que ficará marcado na história da arte e, por que não, da ciência.

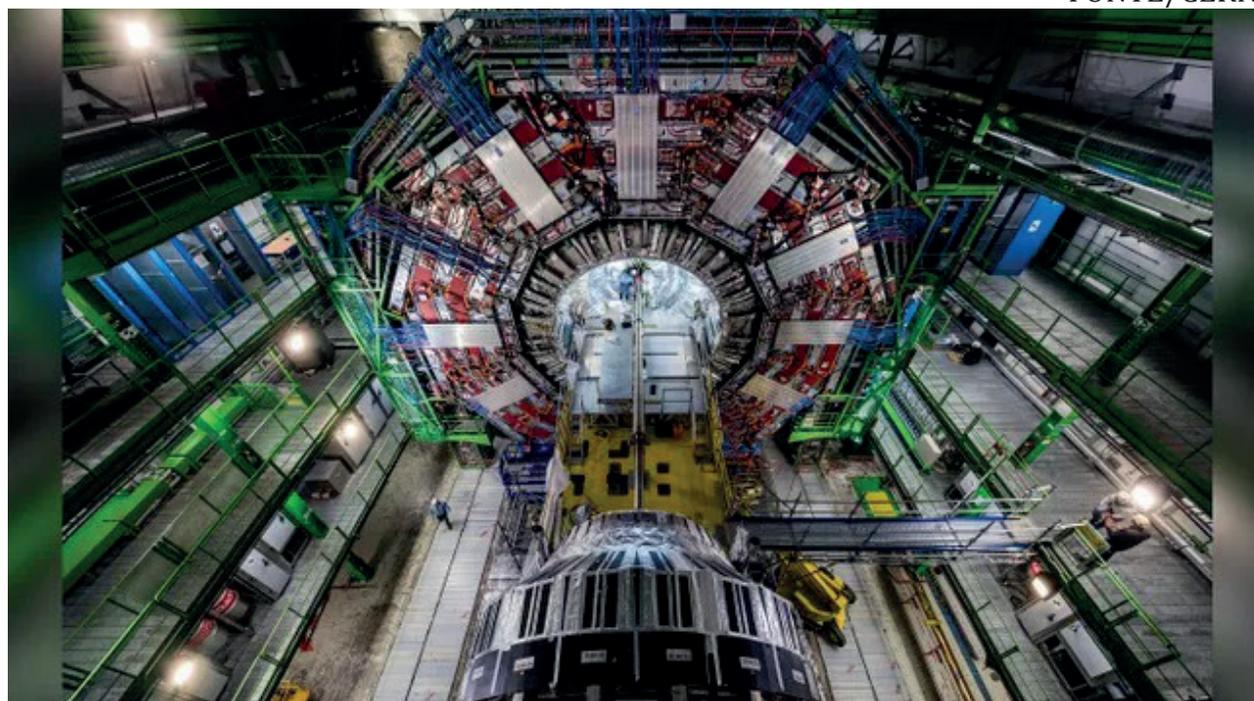
Após dois anos de pesquisa, um grupo de pesquisadores do Berklee College of Music fez uma descoberta impressionante. Seguindo a linha do famoso pesquisador Phd. Layman Versteht Von Nicht que teorizou o comportamento dual onda-partícula das notas musicais em seu artigo “Quantum jumping of non linear music notes and tunneling effect through potential scales”, os pesquisadores construíram um colisor de notas. E não para por aí: assim como os átomos, as notas compõem coisas maiores, todavia, em um acelerador de partículas – devido a problemas de altas energias liberadas nos experimentos – não é possível colidir car-

ros, gatos ou professores de Álgebra Linear. Mas essa não é a realidade da música. É possível colidir “objetos” grandes e complexos como uma sinfonia, um toque de celular e até um sertanejo universitário.

A parte mais excitante do experimento foi a descoberta de que existem subpartículas associadas às notas, cada qual com sua

própria antipartícula. Partículas virtuais parecem surgir espontaneamente, mas o tempo de sua existência solo não passa da ordem de 10-12 segundos. HARMONIC (High Amplitude Ringtone and Music Orthorhombic Notes Inert Collider), como é chamado seu colisor, consome o equivalente a 200MW e foi o responsável por descobrir uma nova sinfonia. O grupo coli-

FONTE/CERN



O Colisor HARMONIC



Politreco

diu a famosa quinta sinfonia de Beethoven, dos dois lados do colisor, constatando que uma propriedade aditiva das músicas poderia ajudá-los a recompor a décima sinfonia, não terminada por Beethoven. Após lograr êxito, o grupo atingiu

uma das mais impressionantes marcas ao finalizar a obra do grande mestre. Seu trabalho está descrito detalhadamente no artigo “After death, Beethoven finally is decomposed”.

Agora, o colisor se encontra em funcionamento

e com uma grande fila de trabalhos de pesquisa que esperam por sua disponibilidade, como um grupo de brasileiros que pretende decompor os antigos discos da Xuxa, e até colidi-los de trás pra frente.

—
Igor Belo Amaral,
Engenharia de Áudio, 10º ano



Politreco

Procura-se Membros para Sociedade Secreta

A USP tem vários problemas. Da segurança escassa no Campus à noite à segura excessiva da carne assada do bandejão. No entanto, minha maior decepção como ingressante foi não encontrar sociedades secretas no campus. Não me leve a mal, sei que isso pode até ser um bom sinal. O que seriam das conspirações da melhor universidade da América Latina (QS World Ranking) se um mero bixo da Poli conseguisse desvendá-las? Talvez

as nossas sociedades secretas sejam tão boas que seus membros consigam operar, de fato, nas sombras, cumprindo verídica e humildemente seu propósito, enquanto as comunidades de Harvard, Yale e Cambridge amargam no imaginário popular. Ainda assim, frequentemente divago sobre como seria satisfatório se houvesse alguém responsável pelas fortunas e adversidades da Universidade de São Paulo. Que consolo seria ter a certeza de que existe um

plano sendo minuciosamente articulado por trás dos panos, ou, melhor ainda, fazer parte dessa conspiração!

Ao que tudo indica, eu não fui o primeiro a ter essa vontade. Um tal de Johann Julius Gottfried Ludwig Frank, professor no curso anexo da Academia do Largo de São Francisco, teve uma ideia parecida em 1831. Ele, junto a integrantes da elite paulistana da época, importou a burschenschaft, confraria de camaradas em alemão, para formar a nossa própria sociedade secreta tu-

Politreco

piniquim. A burschenschaft paulista, conhecida como Bucha pelos íntimos, nasceu com o nobre propósito de destilar ideais liberais através da filantropia na universidade, arquitetando eventos como a abolição da escravidão e a proclamação da república. De quebra, também oferecia eventos com trajas coloridos e (provavelmente) coffee breaks, não muito diferente das presentes extensões universitárias.

Como qualquer atividade complementar que se preze, ela também possuía uma hierarquia interna com nomes sonoros e que caem bem no LinkedIn como “catecúmeno”, “apóstolo” e “chaveiro” (sendo esse último o cargo mais alto dentro da sociedade). Não consegui averiguar se os bucheiros recebiam créditos pelo investimento de horas no grupo, mas certamente o networking compensava. Entre os membros notáveis vale mencionar os presidentes Rodrigues Alves,

Venceslau Brás e Washington Luís, os ministros Rui Barbosa, Campos Sales e Quintino Bocaiúva, os poetas Castro Alves e Álvares de Azevedo e outros brasileiros cujo nome você deve ter ouvido no ano de cursinho ou visto no Google Maps, como Barão de Rio Branco e Américo Brasiliense. Com essa lista de membros que causa inveja até mesmo na yalie Skull and Bones – que tem apenas a família Bush entre seus integrantes dignos de uma aula de cursinho – é fácil entender como a Bucha esteve por trás de grandes acontecimentos do século XIX e XX. Através desse espírito de camaradagem, que envolvia uma versão rústica do toma-lá-dá-cá, ela conduziu o Brasil dos primórdios da sua independência, até o final da República-Velha (conhecida na época como apenas república).

Surpreendentemente, a Bucha perdeu relevância

nas primeiras décadas do século XX. Graças a uma rivalidade com o centro acadêmico (sempre eles) XI de agosto, a sociedade secreta foi enfraquecida no seu berço e, consequentemente, seus ramos no Butantã e na Pinheiros atrofiaram. Além disso, ironicamente, a promulgação do voto secreto ajudou as sociedades secretas a perderem influência, já que não conseguiam mais assegurar o voto de cabresto. O golpe de misericórdia foi o racha do Partido Republicano em 1926, que criou o futuro opositor Partido Democrático Paulista. Desde então, com seu poder dissolvido e conflitos internos, a Bucha está, por bem ou por mal, em baixa.

Ainda assim, há quem diga que ela segue atuante. Afinal, a morte do Bixopp e do Engenharíadas, no mesmo ano, só pode ser fruto de uma força maior, articulando a favor da união do Grêmio e da Atlética. No entanto, aqueles que afirmam que ela é um mito,

merecedora de estar no mesmo patamar do Jubinladen e demais contos, são mais numerosos. Em um mundo conectado, em que cada pessoa anda com uma câmera no bolso, é difícil acreditar que ela esteja se escondendo, bem debaixo do nosso nariz. Apenas os perdidos são mais comuns que esse grupo. A reação da maioria das pessoas quando indagadas se conhecem a Bucha é “Prefiro pedra pomes” ou “Fedida é sua mãe”.

Para resolver esse problema, tomei a iniciativa de retomar a Bucha. Centralizando as atividades crípticas do campus sob essa égide histórica, pretendo unir aqueles que compartilham valores raros nos dias atuais como vontade de fazer acontecer e desprezo por problemas. Até tentei pleitear um espaço na SemEx de agosto com o Grêmio, sugeri um estande entre o Grupo de Negócios e o Poli Concreto, mas ouvi que o quórum do gru-

po, ainda composto somente por mim, era insuficiente. Um absurdo, uma vez que é impossível crescer um clube sem a plataforma para tal. Sem falar que um grupo que arquiteta tacitamente os rumos da USP é muito mais importante que qualquer extensão de estudos ou montagem de carrinhos. Mais Bucha, menos baja!

Diante desse cenário de boicote por parte do establishment, aproveito meu espaço no Politécnico para fazer um pequeno “Classificados”, convidando você, leitor paciente e curioso, para a Burschenschaft Paulista 2.0. Basta cumprir alguns requisitos:

Ser aluno da Politécnica, São Francisco ou Medicina Pinheiros;

Experiência em guardar segredos;

Disponibilidade de 5 horas semanais para panfletagem;

Rechaçar a monarquia;

Capacidade de compare-

cer nos nossos encontros semanais em lugares desérticos (Como a monitoria de PEA ou de geomática)

Pagar a taxa de entrada de 1:000\$000 (Um milhão de réis)

Nossa palestra institucional obrigatória acontecerá na data_placeholder à 01:00 da manhã, na praça do relógio. Tragam máscaras que cubram inteiramente o rosto e não comentem com seus colegas. Enviem currículos para burschenschaftpaulista@gmail.com. (F.E.C.)

C.M.C.

FONTE/WIKIPÉDIA



Bandeira da “Original Burschenschaft”

O Show vem aí?

Em 1973, no período mais duro da ditadura militar, Gilberto Gil ousou e fez um histórico show no anfiteatro do Biênio, na Escola Politécnica, um marco da luta contra a repressão que, nesse ano, faz 60 anos do seu primeiro passo, em 1º de abril de 1964.

Como uma forma de homenagear esse evento, a turnê de Caetano Veloso e Maria Bethânia, que vendeu seus ingressos em poucas horas e que promete entrar para a história da música brasileira, pensou em uma reverência. Ao unir dois magníficos artistas no auge de suas carreiras, surgiu também a ideia de reeditar a história nos seus shows aqui em São Paulo, e os realizar no mesmo Anfiteatro do Biênio, pouco mais de 50 anos depois de Gil. Entretanto, apesar da beleza da ideia, muitos problemas surgiram no caminho.

O primeiro foi a estrutura do Anfiteatro: com suas mesas e cadeiras lá fixas, iniciaram-se tratativas para retirá-las, mas, apesar de muita saliva gasta pelos produtores com a secretaria do Biênio, nada foi feito. O show, assim, deverá ser assistido sentado e com to-

das as mochilas embaixo da cadeira.

Soma-se a este o fato de que, sem ar-condicionado funcional, o anfiteatro torna-se um verdadeiro forno, ainda mais com a expectativa de centenas de fãs ensandecidos e amotinados para verem esse momento lindo da músi-

FONTE/VIRGULA



Show de Gilberto Gil na Poli em 1973



Politreco

ca brasileira e cantarem juntos. Caso volte a funcionar, mais um problema: Caetano e Bethânia precisarão cantar muito alto para conseguirem ser escutados sob o som das máquinas mais barulhentas e antigas que aviões da União Soviética.

Por fim, o último dos problemas: há uma prova marcada para o dia. Nada mais do

que uma temida P3 de Cálculo IV (o show será no segundo semestre), que deve versar sobre Equações diferenciais. A produção, novamente, buscou entrar em contato com o IME e a coordenadoria do curso, que, em uma resposta direta, pode ter enterrado as oportunidades de realizar esse histórico evento: “Quem esses dois pensam que são?

Aposto que não conseguem fazer a MINHA prova!”

Fica aqui o apelo, desse humilde repórter, para que encontre-se um meio de realizar esse desejo de tão nobres artistas. Ou que, ao menos, coloquem o espetáculo para o Vão do Biênio, se até lá for concluída sua reforma.

Luiz Antônio Melo,
Engenharia Musical, 4º ano



Politreco Carta do Leitor

Saudações, caros leitores do Jornal O Politécnico.

Nos últimos dias, tenho passado tempo considerável lendo e relendo edições antigas deste jornal disponibilizadas em seu site, e, após incontáveis e lastimáveis horas lendo o conteúdo que ali encontrei, decidi fazer aquilo que imagino que todos aqueles que tenham tido contato com as últimas edições deste jornal sempre quiseram fazer, mas

nunca tiveram coragem: Por meio desta coluna, escrevo esta carta para demonstrar a minha insatisfação com o Jornal, que, notadamente, não apenas se encontra num estado tristemente deplorável de material jornalístico, como também conta com diretores que, com muita falta de noção, aceitam repetida e cinicamente que a situação se conserve.

Começarei minha lista de críticas construtivas com

a trivial observação de que TODOS os textos de TODAS as colunas deste jornal são HORRÍVEIS. Francamente, este é um feito decerto em partes admirável; é espantoso o quão patéticos hão de ser tanto a equipe editorial quanto os diretores deste jornal, para que aceitem tão ruim conteúdo publicado por meio deste, que se propõe a ser um jornal que representa os alunos de uma séria faculdade conceituada

Politreco Carta do Leitor

e respeitada.

Por falar nisso, aqui vem a minha segunda crítica: como pode um jornal dos alunos da Escola Politécnica da USP contar com um conteúdo tão desprovido de seriedade jornalística? É de se esperar que o jornal da “melhor faculdade de engenharia do Brasil” conte com um material sério, fruto de um trabalho responsável por parte daqueles que o fazem. No entanto, o que se vê frequentemente são textos altamente inapropriados, em especial na coluna “Politre-

co”, que é uma coluna que sugiro fortemente que seja apagada da existência. Mas acalmem-se, ainda fica pior: há um tempo foi oficializada uma anual edição “especial” - e que de especial não tem nada - de primeiro de abril, que se resume tão somente a textos repugnantes e extremamente anti-profissionais por parte da equipe editorial. Há textos que genuinamente caberiam melhor no repertório de falas de um comediante de stand-up da Augusta... Ou melhor, nem isso, pois são textos tão ruins que

nem são engraçados!

Enfim, gostaria de continuar minha lista de críticas, mas aparentemente estou quase estourando o limite máximo de caracteres permitidos por carta ao jornal (o que não faz o menor sentido, quem acharia que 400 palavras são suficientes para expressar toda a indignação de um leitor desta porcaria?), então terminarei a minha carta aqui.

Evoluam, Jornal O Politécnico!

Anônimo

Politreco

O sonhado som da...

Vivemos em uma sociedade que constantemente luta a favor da justiça e da igualdade.

Foram muitos símbolos de luta e resistência, para alcançarmos o que temos hoje.

Agora finalmente podemos colher os frutos que tanto almejamos, podemos ver o quanto precisávamos dessas mudanças para que de fato houvesse uma evolução na humanidade.

Primeiramente, com as mulheres assumindo igualmente as áreas de exatas, passamos a criar e desenvolver coisas que jamais poderíamos imaginar e que de fato impactam na vida das pes-

soas de todo o mundo positivamente; sem preconceitos racial e de gênero, foi possível analisar que houve uma crescente taxa de representatividade nos governos de todo o mundo, e isso gerou uma diversidade na cultura e a disseminação de caráter com base na educação in-

clusiva, assim, os problemas que sempre foram gerados pela ganância da sociedade e pela hegemonia enraizada foram extintos; as minorias que na verdade nunca foram minoria na sociedade passaram a ser de fato representadas e escutadas.

Dessa forma, se concreti-

zou a maior transformação tanto social quanto tecnológica já vista na história, e cientistas provam que essa foi sim a maior evolução que a sociedade foi e será capaz de conquistar!

- Sininho

Olá, Politécnic(a).

Preparamos um Caça-Palavras maneiro pra você resolver durante a aula de Introdução à Engenharia.

Procure as palavras abaixo:

- Politécnic
- AlgeLin
- NavalCrau
- Algoritmo
- Cálculo 1
- Cálculo 2
- Cálculo 3
- Cálculo 4
- Cálculo 5
- Ansiedade
- 3,14159265359

CAÇA-PALAVRAS

A	D	S	I	T	D	O	N	Ç	T	F	C	X
M	L	U	H	A	C	L	S	A	Y	A	O	A
C	R	G	F	I	Y	N	H	A	S	F	W	B
V	I	T	C	M	D	R	H	U	O	K	O	E
D	C	I	L	R	C	L	T	A	T	A	G	T
S	P	L	E	V	T	R	A	T	R	G	Z	D
G	V	E	J	A	C	A	J	X	A	T	N	A
U	Q	Z	V	F	T	I	D	M	O	H	F	I
E	U	N	S	U	E	F	C	G	R	A	G	U
G	R	A	Ç	B	H	Y	O	A	Y	O	C	R
C	E	S	A	Q	O	P	C	K	A	G	M	R